

O preconceito do Estado no centro do debate

ITAMAR MELO

itamar.melo@zerohora.com.br

O Rio Grande do Sul ganhou notoriedade nacional e até internacional, nas últimas semanas, em razão de atitudes preconceituosas. Manifestações como o racismo no estádio do Grêmio e o ataque motivado pela homofobia em Livramento, entretanto, não chegam a surpreender. Fazem parte de um discurso encontrado nas ruas e nas redes sociais. Pesquisadores avaliam o que esses casos revelam sobre a sociedade gaúcha.

ELIZABETH ZAMBRANO
Psicanalista e doutora em antropologia

IVALDO GEHLEN
Sociólogo

EDILSON ABARRO
Sociólogo da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS

O RIO GRANDE DO SUL É MAIS PRECONCEITUOSO DO QUE OUTROS ESTADOS?

“ Por incrível que pareça, vou dizer que não. Não acho que isso seja especificamente gaúcho. Há até um paradoxo. Temos uma cultura machista, mas nosso Judiciário é o mais avançado do Brasil na proteção de casais homossexuais. O preconceito está em todos os lugares, com intensidade bem grande.

“ Não é que seja mais preconceituoso, mas aqui as posições têm mais visibilidade. O enfrentamento é mais radicalizado. Ao mesmo tempo que temos manifestações de racismo, temos manifestações contra o racismo e contra o preconceito muito fortes. Na questão do racismo, há uma defesa no campo político. Já tivemos governador negro, senador negro.

“ Se eu disser que é mais racista, pode se pressupor que o problema não é grave em outros lugares. A violência contra um negro em um mercadinho de Pernambuco tem a mesma gravidade que a cometida contra uma figura pública como o Aranha. Aqui a mobilização de movimentos talvez tenha organização maior, o que dá mais visibilidade ao problema.

O QUE EPISÓDIOS COMO O RACISMO NO ESTÁDIO DO GRÊMIO E O INCÊNDIO NO CTG DE LIVRAMENTO REVELAM SOBRE NOSSA SOCIEDADE?

“ Certa naturalização do preconceito, que existe aqui e no Brasil. Quando gremistas dizem “nos acostumamos a chamar os colorados de macacos desde sempre e isso não é racismo”, nem se dão conta de que é racismo. No caso de Livramento, naturaliza-se que o normal é um casamento hétero.

“ Que o racismo e a homofobia fazem parte do cotidiano. Mas a reação foi muito forte nos dois casos. Não houve condescendência. A não ser, claro, de quem assume aquelas posições. Isso se chama publicização das posições. As pessoas se manifestam em público. O incêndio foi uma atitude para demonstrar uma posição homofóbica.

“ Um comportamento novo em relação a um tema cuja discussão estava reprimida. É um efeito tardio da negação do preconceito. Os grupos discriminados estão vendo que o protagonismo é possível, e uma série de conflitos estão vindo à tona. Em Livramento, houve protagonismo da juíza. É um comportamento novo.

O QUE É POSSÍVEL FAZER PARA SUPERAR ESSAS ATITUDES?

“ Um dos caminhos que têm mais resultado é a criminalização. Não porque vai mudar o preconceito, o que é muito mais lento. A criminalização auxilia porque visibiliza o delito, mostra que a sociedade não aceita mais o comportamento. No caso do racismo, já é crime. No caso da homossexualidade, não.

“ O primeiro caminho é o debate, que está acontecendo. E depois a coerção e a punição têm de ser públicas. E as próprias entidades têm de ajudar nesse campo. Enquanto os CTGs não assumirem uma nova postura em relação ao fato, vai ter homofobia dentro dos CTGs. A coerção não pode vir só do Estado, tem de vir da própria sociedade.

“ Há um conjunto de ações que poderão surtir efeito. Elas dependem da ação ativa das organizações. Não dá para deslocar o problema para quem pratica a discriminação, mas para as organizações onde ela ocorre. Não dá para individualizar a culpabilidade. As corresponsabilidades têm de ser bem definidas.